A IDENTIDADE DE GÉNERO NO JARDIM DE INFÂNCIA – QUE CONSTRUÇÃO SOCIAL?

Cândida Penteado
CBES – Marinhais

Alice Mendonça
Universidade da Madeira

1. Introdução

Ao vivermos em sociedade, as questões de género envolvem-nos sem nos darmos conta. Partilhamos maneiras de agir e de pensar com pessoas do mesmo sexo. E porquê? A resposta imediata reporta-nos para o lado da constituição biológica (a natureza feminina e a natureza masculina) mas a questão que aqui realmente importa é a de compreender as diferenças de comportamentos e de atitude entre os sexos.

Actualmente continua a existir uma certa confusão na utilização do termo género. Em alguns casos, indiscriminadamente, a palavra substitui e/ou confunde-se com a palavra sexo, outras vezes é sinónimo de mulher ou até mesmo de feminismo. Ainda que a sua base seja a mesma – a realidade biológica do ser humano, sexo e género não são sinónimos pois, segundo Ferreira (2002:75) "descrevem aspectos diferentes dessa mesma realidade, a nível dos comportamentos." Enquanto que a identidade de sexo, na perspectiva das Ciências Biológicas, incide sobre os traços genéticos diferenciados de cada sexo, a identidade de género, perspectivada no âmbito das Ciências Sociais, incide sobre uma identidade psicossocial que assenta nos diferentes comportamentos, atitudes, crenças e valores que a sociedade considera apropriados em função do sexo biológico (idem).

Desde que nascemos, estamos sujeitos a um tratamento social diferenciado segundo o nosso género. Para Angers (2003:83), "esse tratamento diferenciado tem um poderoso efeito na criança, pois é por meio dele que ela percebe tudo o que deve fazer para se conformar com o género masculino ou feminino."

O Jardim-de-Infância é um espaço propício à socialização e consequentemente também um espaço onde ocorre a construção social activa da identidade de género de cada criança mediante o desempenho de papéis. De facto, a identidade de género começa a ser construída a partir do momento em que é determinado o sexo de cada

indivíduo e esta designação, dada pela sociedade, determina a orientação de género a ser seguida pela criança.

Face a estas constatações o presente estudo teve como objectivo determinar se os estereótipos de género se fazem sentir nas crianças em contexto de Jardim de Infância.

Assim, a partir do estudo de uma turma composta por 23 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, procurámos, mediante o recurso à observação e a entrevistas, determinar as suas percepções e comportamentos em conformidade com o seu género e o género dos outros.

1.1. Construção da Identidade de Género

Resultante da continuidade dos papéis sucessivamente exercidos desde o nascimento, a personalidade constitui-se na fusão de elementos individuais e colectivos. Deste modo, sendo uma categoria relacional e internamente heterogénea, o género é estabelecido e mantido pela demarcação da fronteira e das relações entre géneros.

Para Rodrigues (2003), os estereótipos referem-se "às expectativas e crenças partilhadas acerca de comportamentos apropriados e características para homens e mulheres numa dada sociedade." (p.24).

Género é assim, "a representação de padrões culturais que, como tal, não são estáticos e, não podendo, por isso, ter uma definição definitiva, estão em permanente mutação". (Ferreira, 2002, pp.79-80).

Contudo, a representação de comportamentos masculinos e femininos expressa, fundamentalmente, um padrão de estereótipos frequentemente inflexível, compulsivo e persistente. Ou seja, o conceito de papel de género diz respeito a características que a própria pessoa não pode controlar mas que lhe são atribuídas porque se encontra imersa num contexto social construído em conformidade com os sexos biológicos.

"Os estereótipos veiculados numa sociedade e o grau de adesão dos indivíduos mostram que essas representações «prontas a usar», por vezes caricaturais, que temos de nós próprios ajudam a forjar a nossa identidade e têm efeitos nos nossos comportamentos." (Angers, 2003, p.89).

Assim, ao identificarem-se social e culturalmente como masculinos ou femininos os indivíduos constroem a sua identidade de género. Esta é " uma espécie de autoconstrução, simultaneamente singular e colectiva, [onde] a participação num determinado género (…) dá forma aos sentimentos e às cognições de cada indivíduo pelo facto se ser homem ou de ser mulher." (Ferreira, 2002, p.80).

1.2. As questões de género na infância

"A aquisição pela criança de comportamentos normais de papéis de género é um aspecto fundamental do desenvolvimento e ajuste de toda a sua personalidade." (Rodrigues, 2003, p.11).

Deste modo, a criança aprende, distingue o que é aceite do que não é, e integra as normas da sociedade não somente com aquilo que lhe é dito, mas também com aquilo que deduz dos gestos, expressões faciais ou atitudes das pessoas que a cercam. É assim que percepciona o que na sua sociedade é considerado aceitável.

São estas diferenças de género que permitem às crianças "organizar as suas percepções do mundo adulto." (Bem 1974 cit in Rodrigues p.25). No entanto, os conceitos de papéis de género das crianças, tal como a sua autodefinição apesar de se definirem na infância, são ainda susceptíveis de alteração com a maturidade.

A definição dos papéis de género nas relações sociais entre pares no quotidiano do Jardim-de-Infância, " não decorrem de uma inerência biológica concreta, nem de uma inerência social abstracta mas, porque se confrontam e jogam em situações situadas, são múltiplos, complexos e contraditórios, fluidos e dinâmicos." (Ferreira, 2004, p.261).

Assim, como parte do seu processo de identidade normal de género, as crianças vão experimentando uma variedade de comportamentos de papéis de género à medida que aperfeiçoam as distinções entre papéis masculinos e femininos. Alguns rapazes, representam ocasionalmente, comportamentos tradicionalmente reconhecidos como femininos (vestir um vestido, colocar bijutaria e cuidar de bebés). De uma forma similar, muitas raparigas assumem também, ocasionalmente, papéis masculinos (como serem os pais, ou brincar na garagem com os carrinhos).

Habitualmente, as crianças são estimuladas, consoante o género, a interessar-se por actividades que lhes ensinam os papéis tradicionais dos adultos da sua cultura. Deste modo, "os papéis de género incorporados pela criança afloram nas brincadeiras que realiza essencialmente com os seus pares [e] é através delas que ela expõe […] a sua realidade interior." (Rodrigues, P., 2003, p.11).

Assim, a construção do género na criança é uma contínua (re)construção de significados múltiplos face às categorias sociais e individuais de rapaz e/ou rapariga.

A aquisição pela criança de papéis de género considerados "normais" constitui um aspecto fundamental do desenvolvimento e ajuste de toda sua a personalidade."

(Rodrigues, 2003). E acrescenta que "à medida que o género se torna estável as crianças aprendem estereótipos de género pela observação de acções e papéis de género de homens e mulheres que as cercam." (idem, p.24).

2. O contexto do estudo

O presente estudo desenrolou-se na Creche e Jardim-de-Infância "Mãe Galinha" que é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos, com carácter social e humanitário, integrada no Centro de Bem Estar Social (CBES) de Marinhais.

Este Centro foi criado em 1987, inicialmente com duas valências: Centro de Dia e Apoio Domiciliário. Os seus objectivos primordiais dirigiam-se apenas à população mais envelhecida. Após uma prospecção feita na freguesia, que apontava para um significativo aumento da natalidade, assim como para uma notória falta de resposta em equipamentos sociais para a infância, surge em 1996 o Jardim-de-Infância "Mãe Galinha" composto apenas por duas salas de ensino Pré-Escolar (dos 3 aos 6 anos).

Em 1999, foi inaugurado o edifício da Creche, composto por quatro salas: berçário, 1 ano, 2 anos e sala familiar.

Esta instituição educativa distancia-se das zonas de maior movimento, nomeadamente actividade comercial e de serviços, e encontra-se rodeada por uma vasta área de espaços abertos e moradias térreas. Permite um fácil acesso aos pais, nomeadamente a nível do estacionamento automóvel.

O espaço exterior é variado visto que integra recreios de areia e relva e ainda um parque infantil, os quais possibilitam as mais variadas actividades ao ar livre.

A Instituição funciona das 7.30h às 19.30h em dias úteis, não faz interrupções lectivas e encerra durante o mês de Agosto (para as limpezas gerais, organização das salas de actividades e formação das equipas de trabalho). O seu horário alargado e sem interrupções lectivas, permite responder às reais necessidades dos pais, que na sua maioria trabalham no sector terciário e em localidades distantes de Marinhais.

No ano lectivo 2007/2008 frequentavam a Instituição cerca de 100 crianças: 50 em valência de Creche, com idades compreendidas entre os 4 meses e os 3 anos e 50 crianças em valência de Jardim-de-Infância, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

O corpo docente era constituído por sete Educadoras de Infância licenciadas (exercendo uma delas a função de Coordenadora Pedagógica), apoiadas por catorze Auxiliares de Acção Educativa e duas Auxiliares de Serviços Gerais.

2.1. Caracterização da amostra do estudo

O grupo que constitui a amostra deste estudo, pertence à Sala Rosa e é constituído por 23 crianças (catorze rapazes e nove raparigas).

Dois adultos, uma Educadora e uma Auxiliar de Acção Educativa, partilham diariamente os espaços e as experiências deste grupo.

Este grupo de crianças apresenta-se bastante heterogéneo. A sua faixa etária está compreendida entre os 4 e os 6 anos de idade. Grande parte dos seus elementos iniciou o seu percurso na Creche, na sala de Berçário e/ou na sala de 1 Ano. Contudo, durante o ano lectivo em estudo entraram para este grupo três rapazes que não integravam a instituição.

Neste grupo maioritariamente masculino, doze das crianças são filhos únicos e onze têm um, dois ou três irmãos. As crianças da sala são na sua maioria os filhos mais novos pois apenas três possuem irmãos mais novos.

As crianças, na sua maioria habitam em Marinhais e apenas uma minoria reside em locais próximos da localidade.

A maioria dos progenitores trabalha fora da localidade e uma grande percentagem de pais tem como profissão motorista de pesados, facto que promove a sua ausência prolongada no seio da família.

Quando se sistematiza a diversidade de situações sociais das crianças da Sala Rosa do Jardim-de-infância "Mãe Galinha" no ano lectivo de 2007/08, por referência aos critérios habituais – o capital económico, académico e cultural das famílias – é-se confrontado com um conjunto diverso de situações: três famílias integram a classe média alta, partilhando a condição de profissionais liberais, a que correspondem os níveis de escolaridade mais elevados (onde se situa a Rita). Segue-se o grupo maioritário: o social intermédio. Dezassete das crianças fazem parte de um conjunto de famílias com trabalhadores independentes e/ou dependentes da indústria, serviços e agricultura. É neste conjunto que posicionamos o Rodrigo, visto que o seu pai exerce a profissão de motorista de pesados, facto que promove a sua ausência prolongada no seio da família, enquanto a mãe, doméstica, se mantém sistematicamente em casa.

Destacam-se ainda três famílias que albergam os operários não qualificados e sem vínculo estável de trabalho auferindo salários reduzidos e portadores de baixo nível de escolaridade. Estas famílias encontram-se inseridas em programas de apoio de reinserção social.

2.2. Observação

De modo a analisar as relações sociais de género do grupo de crianças da Sala Rosa do Jardim-de-infância "Mãe Galinha", tomámos como instrumento a observação. Com esta pretendemos captar os seus interesses, concepções e valores, regras de acção e padrões de interacção de modo a identificar os pontos comuns e divergentes que constituem a sua ordem de género.

Importa perceber onde existem conformidades, resistências e transformações, de modo a compreender os processos envolvidos na construção social de género na infância.

Este é pois, um estudo interpretativo que procura, através da observação de crianças em contexto de Jardim-de-Infância em zonas específicas: o espaço da casinha, o espaço dos jogos de construção e o recreio, perceber como estas constroem, em brincadeiras e jogos, a sua identidade de género. Considerando-as sempre "como actores sociais e membros conhecedores e competentes de um grupo social inserido num enquadramento institucional e organizacional, colectivo e partilhado". (Ferreira, 2004, p.30).

Neste sentido, tão importante como compreender o que as crianças sabem/aprendem acerca do género através das suas brincadeiras são os usos que dão a esse conhecimento, no contexto das relações sociais de poder e de resistência em que se envolvem no grupo de pares.

2.2.1. O espaço da casinha

O momento de vestir e enfeitar marca predominantemente a identidade feminina porquanto constitui um ritual de feminilidade associado a mulheres adultas. A preocupação de construir um corpo feminino com os acessórios femininos é, para as raparigas, o sinal exterior que compõe um corpo futuro com o qual se identificam.

O mesmo acontece em muitos outros cenários onde rapazes e raparigas representam papéis e desempenham funções tradicionalmente associados à condição de adulto.

Na casinha brincavam a Beatriz, a Ana Rita, o Rodrigo e o Filipe.

O Filipe, sentado à mesa, dizia: - Traz-me o jantar que eu estou cheio de fome.

- Vou fazer-te um jantar delicioso! – Respondeu o Rodrigo. – Esparguete com almôndegas. (Ele tinha adoptado o papel de mãe).

- Vá despacha-te lá! – Disse o Filipe.

- Filha! Vem ajudar a mãe! – Chamava o Rodrigo pela Rita, que tratava do bebé.

O Rodrigo veste então o avental e pede à Educadora para o atar. (O que ela fez sem fazer qualquer comentário.) Calçou os chinelos de princesa e adornou-se com os colares e as pulseiras.

- Marido, o jantar está quase pronto! Está no microondas! – Explicou o Rodrigo.

A Rita ia ajudando a pôr a mesa.

- Já está! – Disse o Rodrigo. – Venham para a mesa! – E o Rodrigo começou a pôr a comida (de brincar) nos pratos.

A Rita (filha) sentou-se ao pé do pai (Filipe). E o Rodrigo chamou a Beatriz (a outra filha) que brincava alheada com a máquina registadora da mercearia.

- Beatriz, filha! Anda jantar! Olha que fica frio! – Disse o Rodrigo.

A Beatriz virou-se e admirada gritou: - Olha, estás vestido de mulher!

Outras crianças que brincavam noutras áreas foram espreitar! E comentaram: - Está mesmo! O Rodrigo está vestido de mulher!

- Assim vais estragar as sandálias de princesa... – Retorquiu a Inês S. – Não vai, Ana?

: – Vá meninos vão brincar! Que é o que o Rodrigo está a fazer! Não é, Rodrigo? - perguntou a Educadora tentando desviar as atenções.

- É! Eu hoje sou a mãe. – Respondeu sem qualquer problema. E logo convidou a Educadora: - Queres jantar connosco, Ana?

O Rodrigo continuou o seu papel de mãe e todos continuaram a brincar.

2.2.2. O espaço dos jogos de construção

O Nuno, o Filipe e o João B. brincavam nos Jogos de Construção. O Filipe colocava os animais por ordem de tamanhos e fazia conjuntos, o Nuno e o João combinavam a brincadeira enquanto tiravam os carrinhos da gaveta.

- Vamos fazer uma casa! - Disse o João B.

-Bora!- Concordou o Nuno.

- Fazemos aqui neste lado do tapete. Vou buscar as peças de madeira. Vá ajuda-me! - Pediu o João B.

- Posso pôr os meus bichos na vossa casa? - Perguntou o Filipe. - E logo se juntou aos amigos com os seus animais.

O João B. comandava as acções e os outros seguiam os seus comandos.

- Mais uma peça aqui! Se calhar temos que fazer mais uma parede aqui!

Até que de repente, a Rita apareceu com um carrinho e juntou-se a eles no tapete, começando também a brincar.

O Nuno quando viu a mão da Rita a pegar numa peça de construção, gritou: - As miúdas não sabem fazer casas!

- Sei, sei! Retorquiu a Rita. – Sei fazer muito bem! Chega-te para lá e deixa-me ajudar. Aqui falta uma janela! E aqui pode ser...

- Que chatice, Rita! Porque não vais brincar com as meninas? - Retorquiu o João B.

- Porque eu também gosto de brincar aqui! E podemos estar quatro, não é? Vá, eu ajudo-vos a fazer uma casa!

As regras da sala realmente apontavam para um limite de quatro crianças naquela área.

- Olha, mas eu é que mando! – Afirmou o João B.

- Quem manda sou eu! – Respondeu o Nuno.

- Aqui ninguém manda! Quem manda na sala é a Ana (a Educadora) e a Bela (a Auxiliar de Acção Educativa)! - Explicou a Rita.

E os rapazes, apesar de estarem ali em maioria e num espaço marcadamente masculino, cederam ao discurso da Rita. Depois brincaram os quatro às construções, entre barulhos e alguns conflitos, onde algumas ideias da Rita, que no início pareciam não ter muita popularidade, foram sendo aceites por parte dos pares.

2.2.3. O espaço do recreio

O recreio é o momento em que se misturam as vozes e gritos das crianças que brincam com as vozes das educadoras.

Um grande grupo de rapazes juntou-se a jogar à bola, as raparigas foram andar de baloiço, outros grupos juntaram-se para brincar. O das raparigas mais novas, que enquanto falavam das suas novidades entre si, iam apanhando flores para oferecer à Educadora.

- Toma Ana, é para ti! – Disse a Ana Beatriz.

- Muito Obrigada! São lindas! Mas vocês não querem ir brincar? - Perguntou a Educadora.

- Elas não querem brincar connosco! - Retorquiu a Margarida referindo-se às colegas mais velhas da sala.

- Ah... Querem de certeza! Porque não vão até lá? – Incentivou a Educadora.

Mas as três raparigas continuaram o seu passeio e nem tentaram chegar ao grupo das colegas que estavam nos baloiços.

Logo depois, apareceu a Rita muito chateada (tentava jogar à bola com o grupo dos rapazes).

- Oh, Ana! Eles não me passam a bola! Eu estou a jogar e eles nunca me passam a bola!

- Tem calma, Rita! De certeza que eles ainda não tiveram foi oportunidade. Todos podem jogar à bola, não é? – E a Educadora logo chamou um dos rapazes e perguntou – Então Hugo, vocês não passam a bola à Rita? Olhem que ela também quer jogar! O que é que se passa?

- Oh, Ana! - Respondeu logo o Nuno – Ela não sabe nada fintar, e a chutar não tem força nenhuma, assim vamos perder! As meninas não jogam futebol!

- Jogam, jogam! Eu jogo com o meu irmão e marco golos!

- Vá meninos! A Rita quer jogar! E eu até acho que ela é boa jogadora. Vá vamos lá a passar a bola. – Disse a Educadora.

A Rita ficou muito orgulhosa pelas palavras de apoio da Educadora e foi jogar com os rapazes. Embora descontentes eles passaram-lhe a bola de vez em quando.

Num recanto do jardim, à sombra de uma árvore, o Gustavo, a Beatriz e a Lara brincavam aos médicos. As duas raparigas faziam de mãe e filha, o menino era o médico. A Beatriz estava deitada, a Lara (a mãe) falava com o médico e explicava a doença da filha, enquanto o Gustavo ia observando a "paciente". Naquele canto brincavam e falavam de uma maneira recatada, descobrindo e redescobrindo-se como crianças.

O Rodrigo que não brincava com ninguém em particular pois ia saltando de grupo em grupo, cansou-se e começou a brincar com a Educadora.

2.3. A Entrevista

As entrevistas realizadas a este grupo de crianças foram efectuadas no Jardim-de-infância e conduzidas por uma educadora da sua convivência. Num contexto familiar, criou-se um ambiente para um relato livre, espontâneo, natural e o mais próximo possível de uma conversa do dia-a-dia entre adultos e crianças. Deste modo pensa-se, igualmente, ter contribuído para evitar o tipo de respostas que as crianças sabem que são socialmente aceites, isto é, que as crianças consideram que satisfazem o adulto, pois é aquilo que o adulto quer ouvir (Oliveira-Formosinho e Araújo, s/d). Estas entrevistas semi-estruturadas tiveram o intuito de facilitar o discurso e foram realizadas num formato adequado a crianças pequenas (Christensen e James, 2005). Num processo selectivo do que nos interessa estudar, as respostas que aqui apresentamos são apenas as que considerámos mais significativas, atendendo à seguinte questão:

1. Os meninos e as meninas brincam às mesmas coisas?

   -*Não. Os meninos brincam aos super-homens e às motas e a essas coisas, as meninas brincam às princesas, às bruxas e às mães*. (rapariga de 5 anos)

   -*Não, os meninos brincam às pistolas, à Sonic, aos homens aranhas, à tourada. As meninas aos bebés, na casinha*. (rapaz de 5 anos)

   -*As meninas brincam com as amigas delas e os meninos com os amigos deles*.(rapaz de 4 anos)

   - *Sim, brincam ao que quiserem!* (rapariga de 5 anos)

   - *Alguns brincam.* (rapariga de 4 anos)

   - *Não, brincar aos carros, jogar à bola é para rapazes, brincar às barbies é para raparigas*. (rapaz de 5 anos)

Após uma análise de conteúdo das respostas das crianças às questões, criaram-se duas categorias: as brincadeiras são iguais / as brincadeiras são diferentes, em conformidade com o género do respondente.

Tabela 1. Características das brincadeiras

	Brincadeiras iguais	Brincadeiras diferentes
Rapazes	1	13
Raparigas	4	5

Esta tabela permite constatar que é o género masculino quem maioritariamente alega a existência de brincadeiras diferentes consoante os géneros. Deste modo, 93% dos

rapazes distingue as brincadeiras masculinas das femininas, como delimitação dos respectivos papéis de género. Nas raparigas essa discriminação é menos evidente.

3. Discussão dos resultados

Nas situações de brincadeira/ jogo observadas, foi possível identificar alguns pontos comuns e não comuns susceptíveis de reflexão visto que as interacções existentes no contexto específico de Jardim-de-infância permitiram entender as crianças como actores sociais activos, interactivos e construtivos de género. Assim, foi possível constatar:

- Uma predominância espontânea de **formação de grupos do mesmo género** nas brincadeiras. Ex: os rapazes jogam à bola e fazem jogos de construção enquanto as raparigas andam de baloiço, passeiam e apanham flores.

- **Algumas identidades de género são flexíveis e complexas**, assumindo múltiplas formas de masculinidade e de feminilidade na prática quotidiana. Assim, existe a rapariga que gosta de jogar à bola e de brincar com os carrinhos e existe o rapaz que gosta de se vestir de mulher assumindo esse papel com determinação.

- As crianças **mais velhas** habitualmente **não querem brincar com as mais novas**, mesmo sendo do mesmo sexo. Por seu turno, as mais novas formam **grupos conforme o seu género,** facto que se depreende de expressões como:

- *Elas não querem brincar connosco! - Retorquiu a Margarida referindo-se às colegas mais velhas da sala.*

- Os rapazes restringem os seus grupos a certos **espaços e brincadeiras categorizadas como masculinas**, tais como fazer construções e jogar futebol. Deste modo, tentam evitar a sua inclusão das raparigas, remetendo-as para o "seu lugar", tal como se verificou nesta verbalização:

- *Que chatice, Rita! Porque não vais brincar com as meninas?*

- **Os rapazes são mais tipificados, em relação aos papeis de género**, do que as raparigas e habitualmente evitam as actividades preferidas pelo género feminino. É mais fácil uma rapariga brincar com os carros e com as construções do que um rapaz vestir um vestido ou pintar a cara com maquilhagem. Deste modo as raparigas são rejeitadas para integrar jogos com o sexo oposto:

- *Eles não me passam a bola! Eu estou a jogar e eles nunca me passam a bola!*

Neste estudo apenas um rapaz interpretou um papel do género oposto embora não tenha sido excluído pelos restantes. Destacam-se a surpresa dos colegas e o facto dos sapatos de princesa serem socialmente adequados a pés femininos.

- *Olha, estás vestido de mulher!*

- *Está mesmo! O Rodrigo está vestido de mulher!*

- *Assim vais estragar as sandálias de princesa...*

Destacamos as frases que caracterizam o género masculino na demarcação das suas fronteiras:

- *As miúdas não sabem fazer casas!*

- *Que chatice, Rita! Porque não vais brincar com as meninas?*

- *Olha, mas eu é que mando!*

- *As meninas não jogam futebol!*

Importa aqui referir duas crianças que se situam na fronteira de género destacando-se os seus comportamentos: A Rita e o Rodrigo.

A Rita adopta por vezes alguns comportamentos próximos daqueles que são típicos dos rapazes. Do grupo das raparigas, ela é a que mais interesses partilha com os rapazes e mais participa nas actividades consideradas masculinas, tais como brincar nos jogos de construção, com os carrinhos ou jogar futebol no recreio.

Correspondendo de alguma forma, pelo seu estilo de comportamento singular no grupo de crianças, à imagem estereotipada do que se denomina "maria-rapaz" esta característica permite-lhe assumir posições de poder sobre os rapazes visto que se demarca do território e das atitudes consideradas femininas.

Se confrontarmos as atitudes face ao género, com as relações de poder no seio familiar da Rita, podemos equacionar se o facto da sua mãe possuir o grau de licenciada e exercer a profissão de engenheira química lhe transmite a ideia de igualização entre os géneros, porquanto se trata de uma profissão simultaneamente feminina e masculina.

O Rodrigo adopta por vezes alguns comportamentos próximos daqueles que são típicos das meninas sendo capaz de manter a sua representação de género feminino independentemente dos comentários dos seus pares. Também neste caso podemos equacionar se o facto de o Rodrigo passar longos períodos sem o pai (motorista internacional) lhe permite uma maior identificação com o género feminino uma vez que vive com a mãe que é doméstica.

Quanto ao comentário crítico da Beatriz, teve como objectivo suscitar a atenção dos outros sobre o Rodrigo e provocar a risota geral de modo a acentuar a diferença, a exclusão e a gravidade da infracção. Contudo, tal não aconteceu pois naquele grupo não existem espaços nem identidades exclusivas, todos se aceitam.

Por seu turno, a realização de pequenas entrevistas permitiu percepcionar que os rapazes entendem que determinadas brincadeiras são características de cada género. Para as raparigas esta diferenciação não se apresentou tão relevante, o que demonstra que estas percepcionam o mundo de forma mais semelhante para ambos os géneros.

4. Conclusão

Em relação ao grupo observado, percebe-se que existe uma identificação de interesses de género contrastantes, extremados e exclusivos, em que as crianças se colocam numa ou noutra categoria e que tendem a escolher parceiros do mesmo género. Significa que, de alguma forma, eles/elas têm a noção de que há espaços, objectos, actividades "próprias" para rapazes e para raparigas, cujas fronteiras, em grande parte reforçadas ou constituídas através do brincar entre si e com os outros, lhes permitem compreender como as crianças se percepcionam e expressam as suas atitudes enquanto portadoras de géneros que se articulam através de duas categorias relacionais.

Foi possível entender que através das brincadeiras se processa uma aprendizagem não formal e não intencional, a partir da qual as crianças apre(e)ndem e reproduzem determinadas formas de feminilidade e de masculinidade que caracterizam a identidade biológica e social.

Conclui-se ainda que a identidade masculina, se apresenta bastante vincada e arreigada a estereótipos sociais que excluem a mulher dos seus espaços sociais. Ou seja, tal como afirma Mendonça (2008, p. 144), "enquanto os estereótipos do género feminino têm vindo a alterar-se rapidamente, os do género masculino ainda se mantêm arreigados ao passado". Por seu turno, o inverso apresenta-se menos relevante.

5. Referências bibliográficas

Angers, M. (2003). *A sociologia e o conhecimento de si.* Lisboa: Instituto Piaget.

Ferreira, A. (2002). *Desigualdades de Género no Actual Sistema Educativo Português.* Coimbra: Quarteto Editora.

Ferreira, M. (2004). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos!*. Porto: Edições Afrontamento.

Mendonça. A. (2008), *O Insucesso Escolar: Políticas Educativas e Práticas Sociais*. Lisboa. Edições Pedago.

Oliveira - Formosinho, J. (2002) " A Supervisão Pedagógica da formação Inicial de Professores no âmbito de uma comunidade de Prática." *Infância e Educação; Investigação e Práticas* (Revista de Grupo de Estudos para o Desenvolvimento da Educação de Infância), n.º7 Novembro. (pp.42-68).

Oliveira - Formosinho, J (Org.) (2008). *A Escola vista pelas crianças.* Porto: Porto Editora.

Oliveira - Formosinho, J (Orgs), (sd). A Visão de Qualidade da Associação Criança: Contributos para uma definição, *In* Oliveira - Formosinho, J. Formosinho, J (Orgs), *Associação Criança: Um Contexto de Formação em Contexto*. Braga: Livraria Minho. (pp.166-180)

Rodrigues, P. (2003). *Questões de género na infância.* Lisboa: Instituto Piaget.

Pires, E. L. (1991). *Socialização e transmissão cultural.* In E. L. Pires, A. S. Fernandes e J. Formosinho. *A Construção Social da Educação Escolar*. Rio Tinto: Edições Asa. (pp.111-115).